A MAGIA ESTÁ INSTALADA!

Inquieta *(um conto de Natal)*

MARGARIDA FONSECA SANTOS | margaridafs@clix.pt

Era uma vez uma folha de papel que vivia dentro de uma resma. Era uma folha muito especial, pois preocupava-se muito com o que iria ser o seu destino. Fazia-lhe confusão não saber o que a esperava. Volta e meia, punha-se a perguntar às irmãs, às folhas que estavam acima e abaixo dela:

– Ó manas… O que é que acham que nos vai acontecer?

– O que é que isso interessa?! – refilavam logo as outras.

– Será que vão escrever um romance connosco…? Ou um poema…?

– Cala-te, pá!

– Ou então, sei lá, um desenho? Era giro, ficar com um desenho!

As irmãs estavam já fartas de a ouvir e até lhe puseram um nome: chamaram-lhe Inquieta, porque não parava quieta e não parava de perguntar coisas que, segundo elas, não interessavam a ninguém.

Inquieta amuou quando lhe puseram o nome, mas, como era muito fininha, não aguentou muito tempo assim. Passadas algumas horas, lá estava ela:
– E se me usassem para um relatório? Eu não gostava…
– Inquieta! Cala-te!
– Ou para escrever um índice? Isso era mesmo interessante…
– Ai, Inquieta, pára de falar nisso…!
– Ou então…
– Cala-te!!!
– Mas vocês não gostavam de saber o que é que…?
– Não!!!
Inquieta calou-se, mas não porque a tenham mandado. É que, nesse momento, umas mãos de homem vieram buscar um monte de folhas onde ela se incluía. A excitação foi imensa, como é fácil de perceber.
Ao serem pousadas, as folhas perceberam que estavam numa secretária. No entanto, Inquieta queria saber mais e espreitou com atenção. Era uma sala grande, com sofás, estantes com livros, algumas plantas e aquela enorme mesa de trabalho.
Foi então que começou a ouvir um som: TAC, TAC, TAC… O que era aquilo? Ao observar melhor descobriu que era uma máquina de escrever daquelas antigas, do tempo em que ainda não havia computadores. Que engraçado, pensou. Era uma relíquia!
O senhor trabalhava sentado à secretária, puxando uma folha de cada vez para enfiar na máquina. Escrevia depressa e as folhas iam saindo para um outro monte, bem lá ao fundo da mesa.
– Manas, manas! – chamou a Inquieta. – O que é que o senhor está a escrever?
Vocês querem acreditar que não houve uma única que lhe respondesse? Teriam, se pudessem, encolhido os ombros. Que cansativa que era a Inquieta!
A pobre folha lá ficou, tentando perceber quanto tempo faltava para ir para o rolo da máquina. Só que o senhor, mesmo trabalhando o dia todo, não chegou a usá-la. Isto deixou a Inquieta muito triste. Bolas!, teria de esperar mais um dia!
Foi então que aconteceu uma coisa estranha. Ele voltou a entrar na sala, acompanhado da mulher e dos dois filhos, um rapaz e uma rapariga. Conseguem imaginar o espanto da Inquieta ao vê-los trazer, para dentro da sala, uma árvore?
Ela não se conteve:
– Manas! Os senhores estão malucos! Olhem lá! Trouxeram uma árvore para dentro de casa!
– Ai, Inquieta, que parva! Não é uma árvore qualquer, é um pinheiro.
– Um pinheiro? Mas para quê?!
– É para fazer a árvore de Natal.
– Ah…
Inquieta não disse mais nada. Estava maravilhada! Os miúdos iam colocando bolas de cores nos ramos e entrançando umas fitas brilhantes no pinheiro. Até puseram, com a ajuda do pai, uma estrela no topo. Depois ligaram umas luzes e observaram o efeito: estava espectacular!
Quando saíram dali, Inquieta não conseguia parar de olhar. Extraordinário!
Muito mais tarde, quando já todos deveriam estar a dormir, o senhor e a senhora voltaram àquela sala. Vinham de roupão e pantufas, e tentavam não fazer barulho. Traziam caixas e começaram a fazer algo que a Inquieta não conseguia entender. Parecia que estavam a esconder coisas!
– Ó manas! Olhem lá! O que é que eles estão a fazer?!

– Que aborrecida que és! Estão a embrulhar os presentes de Natal. Vais ver que depois os deixam debaixo da árvore. É assim que se faz.

– Mas aquele papel... aquele papel é diferente de nós...!

– Olha lá, Inquieta, tu estás parva? Claro que é diferente! Tu és uma folha de papel branco. Aquilo é papel de embrulho!

– Mas é tão bonito...!

– Pois, pois, mas agora deixa-nos dormir.

Inquieta não tinha sono. Mesmo depois de os senhores terem abandonado a sala e apagado as luzes, ela continuava a olhar para aquele papel.

– Papel de embrulho... Que giro que é o papel de embrulho!... Papel de embrulho...

As ideias iam fervilhando dentro daquela folha, sempre com alguma dificuldade por ela ser tão fininha, claro, e, a certa altura, gritou:

– Já sei!

– Bolas, Inquieta, que susto! – queixaram-se as irmãs. – O que foi agora?!

– Já sei o que é que quero ser! Quero ser... papel de embrulho!!!

Que grande risota que se ouviu no meio das folhas. Todas gozaram com ela.

– Papel de embrulho?! Que maluca!!! Julgas que alguém faz um embrulho com uma folha de papel branco?!

Inquieta não respondeu. Sentia-se humilhada com aquelas gargalhadas todas. Aos poucos, as outras adormeceram. Só ela ficou acordada a pensar como é que podia pôr em prática a sua ideia.

No dia seguinte, o senhor recomeçou o trabalho. Foi escrevendo, escrevendo e gastando folhas, gastando folhas... Então, sem saber bem como, era a vez de a Inquieta ir para a máquina. Pobre folha! Agora que ela já sabia o que queria ser!!!

Tinha de pensar depressa! Chegou-se à borda da mesa e arriscou: deixou-se deslizar até ao chão e ali ficou. Lá de cima da mesa, as irmãs gozavam-na:

– Vais parar ao lixo, vais ver! Vais parar ao lixo!!!

Inquieta não respondeu. Ela tinha um sonho: queria ser papel de embrulho. Não sabia como é que ia fazer isso, mas ia tentar!

O senhor escreveu todo o dia. Quando, ao final da tarde, saiu da sala, não reparou naquela folha caída no chão. E foi então que tudo aconteceu...

Pela porta entraram os miúdos. Vinham felizes. Tinham conseguido comprar, sem os pais saberem de nada, um porta-chaves. Iria ser a prenda deles!

– Depressa! Vamos meter isto no meio dos presentes! – disse a menina.

– Espera! Falta embrulhar. Deve haver aqui alguma coisa...

Procuraram nas gavetas da secretária. Encontraram fita-cola, encontraram fita para o laço mas... não havia mais papel de embrulho.

– Que parvoice! – queixou-se o menino. – Fomos mesmo estúpidos! Podíamos ter pedido para embrulharem isto lá na loja!

– Pois foi... E agora?!

Inquieta estava a rebentar de excitação. Como assim, "e agora"?! Não a viam?! Será que não percebiam que estava ali a solução?!

O rapaz, olhando em volta, reparou na folha caída. Agarrou nela.

– Está aqui este papel...

– Ai, que bonito...! – troçou a rapariga. – Agora vamos fazer um embrulho com uma folha de papel branco... Estás maluco?!

Se pudesse, a Inquieta teria dado uma canelada bem forte à menina. Mas, não podendo, limitou-se a esperar. E ainda bem que o fez...

– Só se... – começou o rapaz. – Só se...

– Só se quê?

– Só se a pintássemos!

– Isso era giro!!! Boa! Vou buscar os lápis de cor!

A menina saiu a correr e voltou com uma caixa na mão. Agarraram na Inquieta, viraram-na de barriga para baixo e começaram a pintá-la. As cócegas que aquilo fazia! Mas a folha não disse nada.

Quando terminaram, os dois irmãos puseram-na novamente de barriga para cima, guardaram bem no meio o porta-chaves e começaram a dobrá-la com jeitinho. Puseram fita-cola e, por fim, um enorme laço na cabeça. Inquieta estava linda!

Foi colocada no meio dos presentes. Ela não queria acreditar no que lhe tinha acontecido! Ainda tentou falar com as irmãs, mas nunca vamos saber se não lhe responderam por estarem muito longe e não ouvirem, se por inveja...

Chegou então um dia em que a casa se encheu de cheiros diferentes: bacalhau cozido, rabanadas, bolo-rei... Todos sabem que dia é este, não?

A meio do serão, a sala encheu-se de pessoas. Os presentes começaram a ser retirados do seu posto e distribuídos por caras risonhas. Os embrulhos foram desaparecendo, desaparecendo... até que só ficou a Inquieta!

– Eu não sei o que é isto! – disse o senhor, fartinho de saber que era uma surpresa...

– Isso é a nossa prenda para os pais! – explicou a rapariga, contente.

O casal cobriu os filhos de beijos e apertou-os com força, com aqueles abraços que até parecem capazes de partir costelas. Ao abrir com cuidado a Inquieta, descobriram o porta-chaves e repetiram a dose de abraços e beijos.

No entanto, o senhor ficou a olhar para a Inquieta.

– Este papel de embrulho é muito especial...

Alisou a folha com cuidado, retirou todos os restos de fita-cola e guardou-a na gaveta das coisas importantes. Ainda hoje lá está, a folha que tinha um sonho: queria ser papel de embrulho e... conseguiu!!!

Esta é a versão que foi crescendo ao ser contada, de olhos nos olhos, ao longo dos anos, a partir da primeira versão do Conto de Natal, incluído nas Histórias de papel e lápis (Ed. Vega)